

IV

A CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA

Os Egípcios

Dentre os espíritos degredados na Terra, aqueles que constituíram a civilização egípcia foram os que mais se destacaram na prática do Bem e no culto da Verdade.

Aliás, importa considerar que eram eles os que menos débitos possuíam perante o tribunal da justiça divina. Em razão dos seus elevados patrimônios morais, guardaram no íntimo uma lembrança mais viva das experiências de sua pátria distante. Um único desejo os animava, que era trabalhar devotadamente para regressar, um dia, aos seus penates resplandecentes. Uma saudade torturante do céu foi a base de todas as suas organizações religiosas. Em nenhuma civilização da Terra o culto da morte foi tão altamente desenvolvido. Em todos os corações morava a ansiedade de voltar ao orbe distante, ao qual se sentiam presos pelos mais santos aféitos. Foi por esse motivo, que, representando uma das mais belas e adiantadas civilizações de todos os tempos, as expressões do antigo Egípto desapareceram para sempre do plano tangível do planeta. Depois de perpetuar nas Pirâmides os seus avançados conhecimentos, todos os espíritos naquela região africana regressaram à pátria sideral.

A ciência secreta.

Em virtude das circunstâncias mencionadas, os egípcios traziam consigo uma ciência que a evolução da época não comportava.

Aqueles grandes mestres da antiguidade foram, então, compelidos a recolher o acervo de suas tradições e de suas lembranças no ambiente reservado dos templos, exigindo-se os mais terríveis compromissos dos iniciados nos seus misterios. Os conhecimentos profundos ficaram circunscritos ao ambiente dos mais graduados sacerdotes do tempo, observando-se o máximo cuidado no problema da iniciação.

A própria Grecia, que aí buscava a alma de suas concepções cheias de poesia e de beleza, através da iniciativa dos seus filhos mais eminentes, no passado longínquo, não recebeu toda a verdade das ciências misteriosas. Tanto é assim, que as iniciações no Egito se revestiam de experiências terríveis para o candidato à ciência da vida e da morte — fatos esses que, entre os gregos, eram motivo de festas inesquecíveis.

Os sábios egípcios sabiam perfeitamente da inopportunidade das grandes revelações espirituais naquela fase do progresso terrestre; chegando de um mundo cujas lutas, na oficina do aperfeiçoamento, haviam guardado as mais vivas recordações, os sacerdotes mais eminentes conheciam o roteiro que a humanidade terrestre teria de realizar. Aí residem os misterios iniciáticos e a essencial importância que lhes era atribuída no ambiente dos sábios daquele tempo.

O politeísmo simbólico.

Nos círculos esotéricos, onde pontificava a palavra esclarecida dos grandes mestres de então, sabia-se da existência do Deus Único e Absoluto, Pai de todas as cria-

turas e Providencia de todos os séres, mas os sacerdotes conheciam, igualmente, a função dos Espiritos prepostos de Jesus, na execução de todas as leis físicas e sociais da existencia planetaria, em virtude das suas experiencias pregressas.

Desse ambiente reservado de ensinamentos ocultos, partia, então, a idéia politeista dos numerosos deuses, que seriam os senhores da terra e do céu, do homem e da natureza.

As massas requeriam esse politeísmo simbolico, nas grandes festividades exteriores da religião.

Os sacerdotes da época já conheciam essa fraqueza das almas jovens, de todos os tempos, satisfazendo-as com as expressões exotericas de suas ligações sublimadas.

Dessa idéia de se homenagear as fôrças invisiveis que controlam os fenomenos naturais, classificando-as para o espirito das massas, na categoria dos deuses, é que nasceu a mitologia da Grecia, ao perfume das arvores e ao som das flautas dos pastores, em contacto permanente com a natureza.

O culto da Morte e a metempsicose.

Um dos traços essenciais desse grande povo foi a preocupação insistente e constante da Morte. A sua vida era apenas um esfôrço para bem morrer. Seus papiros e frescos estão cheios dos consoladores misterios do alem-tumulo.

Era natural.

O grande povo dos faraós guardava a reminiscencia do seu doloroso degrado na face obscura do mundo terreno. E tanto lhe doía semelhante humilhação, que, na lembrança do prterito criou a teoria da metempsicose, acreditando que a alma de um homem podia regressar ao corpo de um irracional, por determinação punitiva dos deuses. A metempsicose era o fruto da sua amarga im-

pressão, a respeito do exílio penoso que lhe fôra infligido no ambiente terrestre.

Inventou-se, desse modo, uma serie de rituais e ceremonias para solenizar o regresso dos seus irmãos á patria espiritual.

Os misterios de Isis e Osiris, mais não eram que simblos das fôrças espirituais que presidem os fenomenos da morte.

Os egípcios e as ciencias psíquicas.

As ciencias psíquicas da atualidade eram familiares aos magnos sacerdotes dos templos.

O destino e a comunicação dos mortos, a pluralidade das existencias e dos mundos eram, para eles, problemas solucionados e conhecidos. O estudo de suas artes pictóricas positivam a veracidade destas nossas afirmações. Num grande número de frescos, apresenta-se o homem terrestre acompanhado do seu duplo espiritual. Os papiros nos falam de suas avançadas ciencias nesse sentido, e, através deles, podem os egíptólogos modernos reconhecer que os iniciados sabiam da existencia do corpo espiritual preexistente, que organiza o mundo das cousas e das formas. Seus conhecimentos a respeito das energias solares com relação ao magnetismo humano, eram muito superiores aos da atualidade. Desses conhecimentos nasceram os processos de mumificação dos corpos, cujas fórmulas se perderam na indiferença e na inquietação dos outros povos.

Seus reis estavam tocados do mais alto grau de iniciacão, enfeixando nas mãos todos os poderes espirituais e todos os conhecimentos sagrados. E' por isso que a sua desencarnação provocava a concentração magica de todas as vontades, no sentido de cercar-lhes o tumulo de veneração e de supremo respeito. Esse amor não se traduzia, apenas, nos atos solenes da mumificação. Tambem

o ambiente dos tumulos era santificado por um estranho magnetismo. Os grandes diretores da raça, que faziam jús a semelhantes consagrações, eram considerados dignos de toda a paz no silencio da morte.

Nessas saturações magneticas, que ainda estão a desafiar milenios, residem as razões da tragedia amarga de Lord Carnavon e de alguns dos seus companheiros que penetraram em primeiro lugar na camara mortuaria de Tout-Ank-Amon, e é ainda por isso que, muitas vezes, nos tempos que correm, os aviadores igleses observam o não funcionamento dos aparelhos radiofonicos, quando as suas maquinas de vôo atravessam a limitada atmosfera do vale sagrado.

As Piramides.

A assistencia carinhosa do Cristo não desamparou a marcha desse povo cheio de nobreza moral. Enviou-lhe auxiliares e mensageiros, inspirando-o nas suas realizações, que atravessaram todos os tempos provocando a admiração e o respeito da posteridade de todos os séculos.

Aquelas almas exiladas que as mais interessantes características espirituais singularizam, conheceram, em tempo, que o seu degredo na Terra atingia o fim. Impulsionados pelas forças do Alto, os círculos iniciáticos sugerem a construção das grandes piramides, que ficariam como a sua mensagem eterna para as futuras civilizações do orbe. Esses grandiosos monumentos teriam duas finalidades simultâneas: representariam os mais sagrados templos de estudo e iniciação, ao mesmo tempo que constituiriam, para os pósteros, um livro do passado, com as mais singulares profecias em face das obscuridades do porvir.

Levantam-se, dessarte, as grandes construções que assombram a engenharia de todos os tempos. Todavia,

não é o colosso de seis milhões de toneladas de pedra nem o esforço herculeo do trabalho de sua juxtaposição que mais empolga e impressiona os que contemplam esses monumentos. As piramides revelam os mais extraordinarios conhecimentos daquele conjunto de espíritos estudiosos das verdades da vida. Ao par desses conhecimentos, encontram-se ali os roteiros futuros da humanidade terrestre. Cada medida tem a sua expressão simbólica, com vistas ao sistema cosmogonico do planeta e á sua posição no sistema solar. Ali está o meridiano ideal, que atravessa mais continentes e menos oceanos, e através do qual se pode calcular a extensão das terras habitaveis pelo homem, a distancia aproximada entre o Sol e a Terra, a longitude percorrida pelo globo terrestre sobre a sua órbita no espaço de um dia, a precessão dos equinóxios, bem como muitas outras conquistas científicas que somente agora vêm sendo consolidadas pela moderna astronomia.

Redenção.

Depois dessa edificação extraordinaria, os grandes iniciados do Egito voltam ao plano espiritual, no curso incessante dos séculos.

Com o seu regresso aos mundos ditosos da Capela, vão desaparecendo os conhecimentos sagrados dos templos tebanos, que, por sua vez, os receberam dos grandes sacerdotes de Memphis.

Aos misterios de Isis e de Osiris, sucedem-se os de Eleusis, naturalmente transformados nas iniciações da Grecia antiga.

Em algumas centenas de anos, reuniram-se de novo, nos planos espirituais os antigos degredados, com a sagrada bênção do Cristo, seu patrono e salvador. A maioria regressa, então, ao sistema da Capela, onde os seus corações se reconfortam nos sagrados reencontros das suas afeições mais santas e mais puras, mas grande nú-

mero desses espíritos, estudosos e abnegados, conservaram-se nas hostes de Jesus, obedecendo a sagrados imperativos do sentimento e, ao seu influxo divino, muitas vezes, têm-se reencarnado na Terra, para desempenho de generosas e abençoadas missões.

V

A INDIA

A organização hindú.

Dos espíritos degredados no ambiente da Terra, os que se gruparam em volta do Ganges foram os primeiros a formar os pródromos de uma sociedade organizada, cujos nucleos representariam a grande percentagem de ascendentes das coletividades do porvir.

As organizações hindúes são de origem anterior à própria civilização egípcia e antecederam de muito os agrupamentos israelitas, de onde sairiam mais tarde personalidades notáveis, como as de Abraão e Moysés.

As almas exiladas naquela parte do Oriente, muito haviam recebido da misericordia do Cristo, de cuja palavra de amor e de cuja figura luminosa guardaram as mais comovedoras recordações, traduzidas na beleza dos Vedas e dos Upanishads. Foram elas as primeiras vozes da filosofia e da religião no mundo terrestre, como provindo de uma raça de profetas, de mestres e iniciados, em cujas tradições iam beber a verdade os homens e os povos do porvir, salientando-se que também as suas escolas de pensamento guardavam os misterios iniciáticos, com as mais sagradas tradições de respeito.